

A vitória de Collor no Distrito Federal

O governo federal sempre se opôs à autonomia política do Distrito Federal. Pretendia-se preservar a capital da República da influência de correntes de opinião hostis que habitualmente se formam nas cidades que são sede do governo. A Constituição de 1934 concedeu, no entanto, autonomia ao Distrito Federal então localizado no Rio de Janeiro. Eleger-se prefeito um candidato popular, Pedro Ernesto, com ligações militares no movimento chamado "outubrista". Meses depois o prefeito conspirava e Getúlio Vargas mandou prendê-lo como comunista. Nunca mais se tinha conseguido dar autonomia política à capital da República e Juscelino Kubitschek vetou nova tentativa nesse sentido quando da instalação da capital em Brasília. A Constituição de 1988, no entanto, sob inspiração de lideranças de esquerda, consagrou a autonomia e agora Brasília elegeu seu primeiro governador.

Onze meses atrás, em seguida à eleição presidencial no curso da qual a cidade vibrou ao som do *Lula-lá* e manifestou sua rejeição a Fernando Collor, ninguém poderia supor que o novo presidente iria transformar o clima da cidade de tal forma que viria a indicar o candidato a governador e a elegê-lo. A capital era território rebelde. Sua opinião era dominada pelo PT, baseado na Universidade e apoiado pelos poderosos sindicatos dos bancários, dos médicos e dos servidores públicos. A cidade era francamente do contra e sua população votava na esquerda por uma vocação definida já em 1960 quando Brasília foi uma das três unidades da Federação a votar em Lott e não em Jânio. Seu ânimo libertário e irredento ressurgiu em 1989, quando os três candidatos de esquerda, Lula, Covas e Brizola, venceram o primeiro turno e juntos deram a vitória local ao candidato do PT no segundo turno.

Depois de instalado o novo governo não seria de supor que a situação tivesse mudado. Funcionários dispensados ou infelizes, bancários do Banco do Brasil e do Banco Central insatisfeitos, estudantes e professores amargurados com a derrota anterior e os médicos fortalecidos como vanguarda da socialização do país — tudo isso era massa de manobra para dar à capital da República um primeiro governador esquerdista e resistente ao poder federal. Tudo quanto os presidentes da República



tentaram evitar no curso de um século. No entanto, a situação mudou e o presidente Collor tirou de letra a esquerda. Pinçou alguém que não era sequer da sua equipe para dominar o eleitorado e impor-se à cidade. O ex-presidente José Sarney tem algo a ver com isso. Um ano e meio antes de deixar o governo, quando seus índices de rejeição popular se tornaram alarmantes, ele procurou pacificar a capital da República, dando-lhe um governador suave.

Joaquim Roriz era vice-governador de Goiás, eleito pelo PMDB, e vinculado ao governador Santillo com o qual participara da fundação do PT no estado. Mas era também amigo pessoal de Sarney e, convocado, cedeu à tentação de governar a cidade instalada em terras que haviam sido de sua família. Veio e conquistou Brasília com os assentamentos de favelados em núcleos residenciais e em novas cidades-satélites, a rápida maquiagem da cidade e o início de um programa de obras bastante visíveis. Em pouco tempo ele identificou-se com a cidade, dobrou a resistência no Plano Piloto e tornou-se popular nas cidades-satélites, sobretudo nas áreas recentemente implantadas como Ceilândia, Paranoá e Samambaia, nas quais se abriga a população mais carente. Collor rapidamente apreendeu o fenômeno e para identificar Roriz com seu governo nomeou-o ministro da Agricultura.

Poucos dias depois o ministro deixou a pasta para cumprir seu papel que seria comandar a primeira eleição no Distrito Federal e, se possível, a Justiça Eleitoral deixando, eleger-se governador. A missão está cumprida. Brasília tornou-se administrativa e politicamente uma capital reverente. O governo federal pode continuar a habitá-la sem susto e Roriz tornou-se personagem-símbolo de uma mudança a partir da qual pode vir a ter um destino no futuro próximo. Da Brasília anterior, de estudantes rebeldes, de médicos solidaristas, de bancários insatisfeitos, ficou o sinal nos números eleitorais. O segundo lugar não coube ao senador Maurício Correia, candidato que tentou galvanizar a esquerda com o apoio do PDT, do PC do B, do PSDB, etc., mas ao solitário Dr. Saraiwa, candidato do PT, que entoou sozinho nesses dois meses de propaganda gratuita no rádio e na televisão o velho e bonito hino de Luís Inácio Lula da Silva.

Carlos Castello Branco